Rumor de Folhas
Silveira de Souza
Virtualbooks

RUMOR DE FOLHAS
Silveira de Souza

No Parque

O teu rosto sobre as águas
seguia a inquietação das maretas

Como linhas paralelas
tecíamos juntos caminhos separados

O teu rosto sobre as águas
sombra de fundo contornando flores

Teias

São essas sombras de teias
que me livram do viver
tão só em mim

Essas mortes caladas
soletradas nas escamas dos jornais

É o labirinto de artérias (ruas)
na vertigem das cidades
abaixo da impotência
das janelas.

Três

Foram três noites indormidas
Três casas mal-assombradas
Três assaltos ao mesmo banco
Três orgulhos mal parados
Três rosas brancas num vaso
Três fomes dependuradas
em três bocas ressequidas
Três preces não atendidas
Três sonhos angustiados
Três vezes três sofrimentos
num só corpo macerado

A conga

Difícil hoje em dia encontrar o par de tênis de pano
que em passados anos se chamava conga.
Gastei manhãs percorrendo as lojas
sempre a escutar balconistas sorrirem
em dúbia gentileza:
“No momento estamos em falta, tio”
“Deixe nome e telefone, tio,
vamos mandar buscar”.

Que fazer de minha vida?
A conga é macia, calçá-la é quase o mesmo
que andar descalço.
Com ela, pelas manhãs, costumava outrora
praticar meus exercícios físicos.

Agora, inclemente,
o sol castiga essas ruas que se cruzam
no centro comercial da cidade, enquanto arrasto
os sapatos apertados pelas calçadas
a procura de uma simples conga.

Algum dia encontrarei o que mais desejo?

O mecânico

Não sou o arquiteto
das coisas por inventar.
Conhecem minhas mãos apenas
as máquinas já construídas
e os seus defeitos.

Deito no chão duro e sujo
debaixo de complexas engrenagens.
Uma hora, às vezes um dia
mais que satisfazem a certeza
de localizadas falhas.

Movem-se ágeis então os dedos
no manuseio do que é preciso
peças alicates soldadoras fios
que devolvem ao inventado
provisória perfeição.

Talvez não precisem roupas brancas

Talvez não precisem roupas brancas
para tantas contorções, contornadas
de guias, na sala ampla de sons
incenso charuto atabaques
cânticos negros
rodopios de saias.

Talvez de nada disso necessite
a magia do homem, para que o espírito
crie tudo o que é preciso criar.

A morada dos que ainda sonham

Deserta e gelada é a campina em volta
à morada dos que ainda sonham

Não mais alimenta os rebanhos a grama
estéril, concentrada em seus recursos

No rosto de qualquer transeunte
um vento mercenário – chicote ambíguo –
ilude a visão do interior da casa:

gritos de fogo e sêmen
espaço de transparências

Canção insegura

Me inquietam
as águas quietas.
Mágoas secretas
sob o branco.

Palavras
dormidas em acalanto
sem grito ou quebranto.

Me inquietam
inquietam as ausências
de fogo/alimento:
palavras fanadas

fingidas inflorescências.

A amurada

Subo lanços de escada
passos de herói trôpego

De pedra os degraus
de pedra e sombra

Alcanço agora a amurada
avisto as últimas promessas.

Como se fora um tango

Agora tem sobre ele o adeus da noite
e o cinza-gelo da próxima madrugada
o bêbado que dorme
caído na calçada.

Um braço talvez busque o sonho
estendido sobre a cabeça.
Ele ressona, aberta a boca
de onde flui espessa
linha de baba, forma louca
de gastar a vida crua
antes que a morte amanheça.

Tem sobre ele o adeus da sorte
desde a vontade tolhida
a ilusão explorada
o bêbado que dorme
traído na calçada.

Benzedura

– Que coso?
– Carne rasgada, nervo torto, osso rendido.

Mente partida, sexo abatido,
medo de perder tudo que tenho,
solidão imensa, frio odioso.

– Que coso?

– Carne rasgada, nervo torto, osso rendido.

Espírito fraco, falta de sentido,
falácia de viver à qual me empenho,
lucro fácil, carnaval nervoso.

– Que coso?
– Carne rasgada, nervo torto, osso rendido.

Dente careado, corpo subnutrido,
linha de angústia no franzido cenho,
aluguel atrasado, tempo ocioso.

Os óculos embaciados do burocrata auxiliar

Não sento nesta cadeira frente a mesa retangular
porque os papéis sejam tortuoso compromisso:
olhem como se dissimulam os rostos vazios!

O sol é ácido na tarde de verão
pela janela invade morna neutralidade
sobre as bundas estacionárias em assentos permanentes.

O mundo arrebenta lá fora, que temos nós com isso?

Atravessar corredores sobraçando projetos
vencidos para justificar retidões perdulárias.
O suor umedece um sexo abafado
sob as vestes discretas do pudor funcional.

O invasor

Dessas terras sempre ouso expulsar
os que ignoram seu valor capital.
Nada é comum. A mão mais ágil se adianta
e retira da árvore a seiva do fruto.
Criador de silêncios o látego
embrutece as almas desvalidas.
Por isso essas armas, armadilhas
que alimentam o livre jogo dos mercados.
Os mortos enterrarão seus mortos e sempre
as estações sobrevirão nos prazos certos.

O que me exigem os dias

Porque não sei viver como os pássaros
caminho pelas calçadas na única
única direção sem vôos
do alimento exposto à venda.

Porque não sei viver sem a carne nem o pão
e as frutas empilham-se oferecidas
nos tabuleiros dos vendilhões ao redor do templo,
rogo que nenhum deus os expulse e eu volte
ao pó, satisfeito com os poderes da minha bolsa.

Porque não sei andar sobre mares nem
transmudar em vinho a água clorada dos encanamentos,
escolho o peixe sobre o balcão dos frigoríficos
e cruzo as vielas dos supermercados
à procura das garrafas desejadas.

Nunca aprenderia a jejue nos desertos:
seguem meus dias a circular rotina
do trabalho inglório, da fome exata,
do amor precário.

Perfil

Talvez o rosto voraz
desse homem já esteja morto.
Talvez nem seja rosto.

Também os dedos parecem
gravetos apodrecidos,
restos de amor, esquecidos.

Seriam flores fanadas
que vedaram as saídas
de um sonho falido?

O médico e o monstro

O *eu-um* caminha por alamedas
e ruas bem comportadas. Dele
os vizinhos e amigos, bzz, bzz,
comentam as ações previsíveis,
sérias, profissionais.

Eis que em certas noites do ano
ou do mês ou da semana, por vezes
emerge um *eu-dois*, freudiano, sor-
rateiro inquilino. Ah, a bebida! Ah,
as mulheres e a música
das boates suburbanas! Ah,
o cheiro e o sabor de corpos jovens
em dormitórios e motéis!

Então não esconde o *eu-dois*
certa tristeza ao acordar
nesse ano, mês ou semana. E
das janelas ver o nascer das manhãs
na cidade enevoada.
LÁ (na bruma, na bruma)
inflexível, monstro em seu papel,
o *eu-um* o espera.

Limites

Onde você estiver sem dúvida não ouvirá
todos os ruídos. Tal sombras vivas além
da mente sempre desatenta, eles vibram,
bem como vibra o pressentimento da noite
ao homem sob a luz, no interior da casa.

Mas existe o roçar do vento na folhagem,
cantigas de insetos, o ativo trabalho de
relógios junto ao grito dos pássaros,
mil vozes indistintas que se perdem ante
o umbral da nossa concentrada surdez,
exceto quando distrai-se o cérebro
à fatalidade das coisas.

Então sofremos na nossa limitação
que é a angústia de não saber
todos os segredos. Estreita-se a vida.
Se acaso aprendemos algo é como
atirar uma pedra em poço escuro:
a vaga certeza do som sobre as águas
não revela toda a verdade do percurso.

Promessa

Por ser graça recebida
estou de joelhos na laje áspera.

Por ser graça recebida
nada representam dor,
espinho na carne ríspida.

Graça recebida!
Então os olhos fundos
a pedra na cabeça
a vida (sonho?)
que se arrasta.

Madruga de inverno

Neblina
olho
de pássaro afogado
sobre a rodoviária de Blumenau.

Longe, em algum lugar,
rascantes, ácidos,
os sons de uma viola.
Criam o espaço sem fundo
que é só meu.

Teu rosto em mim se distancia
sempre mais.
Agora nada que é externo
me pertence.

Diante do túmulo de minha mãe

Nem chega a ser inveja
dessa lousa que te cobre, densa
terra sobre aquilo que já foste::
corpo flébil de olhar tristonho.
Nem chega a ser inveja
conquanto ame a quietude da noite
sobre o fim dos sonhos.

Não penso, mãe, oferecer
um tal prazer aos cães de guerra.
De ti não tenho a plácida virtude
de perdoar quem me açoite.
Pedras rolam de volta
pela montanha de Sísifo

e no alto, em seu poder,
demônios hipertensos riem
da legião de anjos tortos
à qual pertenço.

Mas não me posso esconder
junto de ti entre esses mortos.
Coisas devem ser feitas:
moeda que contar, medo que conter,
medir o declinar do sol sobre tristezas,
e esta transgressão do canto
e essa insana ronda de incertezas.

Prosaico soneto à faxineira

Os braços não são robustos mas firmes
na insistência das horas que correm.
Corpo/mente curvos sobre a enceradeira,
curvos a ruídos e manchas que morrem.

A vivência sólida da faxineira!
Por que o súbito receio, perturbação
sempre que nos assalta quando ela invade
os escaninhos da nossa intimidade?

Partiu-se um jarro mas as vidraças brilham.
De gatinhas no chão vemos-lhe as pernas
ou parte dos seios maduros, re-

lances de varizes, sinais que perfilham
da vida a curtida resistência. Re-
cebe a paga, nem irritada nem terna.

Psiquê no bar do mercado

Psiquê não está deitada
em seu ninho de relvas.
Psiquê senta na banqueta do bar
e olha para mim. Não existe Amor.

Bar do mercado – o balcão é meia-lua
e nós todos brancos (pobres) negros,
intranqüilos respirando a alma
do álcool e dos cigarros
– semicírculo de lábios desunidos –
sustínhamos o impassível desespero

sob máscaras expectantes.

O olhar de Psiquê fere e convida
para o festim degradado. Fere e convida
a um prato de sopa de legumes, ao dinheiro,
à cama onde corpos sem intimidade
se unem e se abatem por cima
de lençóis encardidos. No olhar
a clara incerteza da musa predadora
aos heróis sem eleição.

(É tarde, é muito tarde, ó musa destronada,
para andar pelas florestas quando outrora
eram sagrados os ramos assombrados,
*sagrados o ar, a água e o fogo!) **

Por que? Por que? Por que?
propõe no calor do bar o vento
do ventilador. Nenhuma resposta
vem dos recantos poluídos, das portas abertas
aos ecos da cidade e da memória.

(*) *Ode do Psyque*, Johan Keats.

A enchente

Não sei se essa enchente mudará o homem
embora todo o esforço de solidária complacência.

O rio invade a aldeia, morte e desespero
fluem na corrente, junto à antiga
memória de outras perdas.
Conhecem os mortos o sabor das águas
e nada dirão. Como os ratos e as cobras
guardarão para si a repulsão do humano.

Mas os vivos, com lamentos e espantos
abraçarão a esperança de que
retorne o rio para o seu leito,
submisso,
quando se poderá então louvá-lo
em mitos, ofícios e canções.

Entediada lembrança de Baudelaire

Face rotunda, gestos de oca liderança,
falava o boneco de cera, borrão lilás

na usada TV sobre a prateleira.

Certo, ninguém prestou a devida atenção.
O cheiro forte de carne e cerveja impregnava
o ar da churrascaria e as vozes
dispersas em grupos em cada mesa
zumbiam indistintas entre risada ou tosses.

“Um rei num país chuvoso!”
disse alguém ali perto. Claro, sim, claro,
não deixava de ser uma verdade,
A chuva despencava lá fora
sobre o asfalto da BR entre espessa neblina.
Eu disse ao garção: “Desta vez
o Vasco leva o campeonato”,
ele riu duvidando, abriu outra cerveja.

“Um país chuvoso, que droga!”
Un pays pluvieux, riche, mais impuissant.
Podíamos pressentir a legião de homens famintos
morrendo como ratos
diante de um balcão.
Qualquer balcão.

~~~~
~~~~

João Paulo **SILVEIRA DE SOUZA** nasceu em Florianópolis, SC, em 1933. Começou cedo suas atividades culturais em SC. Na década de 50 passou a integrar o Círculo de Arte Moderna, mais conhecido como Grupo Sul, movimento que trouxe o Modernismo para Santa Catarina. Também nessa década participou de atividades teatrais, integrando como diretor do grupo teatral TESC (Teatro Experimental de SC); e dirigiu o mensário de literatura e arte *Roteiro.*

LIVRO ELETRÔNICO GRÁTIS DE SILVEIRA DE SOUZA:

•**O Cantochão e a Sombra**

http://virtualbooks.terra.com.br/osmelhoresautores/O_Cantochao_e_a_Sombra.htm

Relatos envolventes de Silveira de Souza, um dos responsáveis pela introdução do Modernismo em Santa Catarina.